
Comemorações do Dia do Índio na cidade de Manaus/AM, 18 de abril de 2011

Ana Sertã



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1775>

DOI: 10.4000/pontourbe.1775

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Ana Sertã, «Comemorações do Dia do Índio na cidade de Manaus/AM, 18 de abril de 2011», *Ponto Urbe* [Online], 8 | 2011, posto online no dia 28 julho 2011, consultado o 01 setembro 2023. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1775> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1775>

Este documento foi criado de forma automática no dia 1 setembro 2023.



Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional - CC BY 4.0

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Comemorações do Dia do Índio na cidade de Manaus/AM, 18 de abril de 2011

Ana Sertã

NOTA DO AUTOR

Participação: Ana Sertã, Letícia Shimoda, Vinícius Anauê, Flávia Belletati e Yuri Bassichetto (NAU/USP)

- 1 O dia prometia ser cheio. Às vésperas do Dia do Índio, a programação da Vila Olímpica, como parte das comemorações oficiais, anunciava o início das Olimpíadas Indígenas, mais uma oportunidade para acompanharmos a presença indígena na cidade de Manaus. Nos dias anteriores, as Olimpíadas foram motivo de animados comentários e convites por parte de alguns de nossos conhecidos, e agora estavam todos lá: os Sateré-Mawé de Y'apirehy't, os de Waikiru, (as duas comunidades Sateré contíguas, no bairro da Redenção), as mulheres da AMISM (Associação de Mulheres Sateré-Mawé) e outros que conhecíamos de vista.



- 2 O amplo espaço, mantido pela Secretaria Estadual da Juventude, Desporto e Lazer (SEJEL), conta com piscinas olímpicas, quadras, lanchonete, um estádio com pistas de corrida e campo revestido de gramado e seria dividido entre a venda de artesanato e as competições de nado, arco-e-flecha, corrida de saco e cabo de guerra, sendo que os dois últimos teriam também times femininos, como me explicou André, da comunidade Waikiru.
- 3 Nas arquibancadas, Moisés, tuxaua de Y'apirehy't, ensaiava com sua banda, preparando uma das apresentações que abririam o evento. A banda se apresentou logo depois do hino nacional, cantado por uma indígena Tikuna em sua própria língua. A banda de Moisés tocava uma música animada, misturando letras em Sateré com um ritmo dançante, parecido com o forró. Curum Bené, xamã que mantém uma barraca de venda de produtos medicinais na praça Tenreiro Aranha, estava sentado a meu lado e se divertia fazendo comentários sobre a mulher que dançava junto à banda, mas logo se levantou para fazer par com ela.
- 4 Terminado o show, vieram as formalidades. Autoridades do governo, que organizaram o evento, se pronunciaram sobre o Dia do Índio e tiraram fotos com os participantes. Depois de um pequeno intervalo para o lanche, um rapaz anunciou no microfone as equipes do cabo-de-guerra - errando os nomes da maioria das etnias e provocando risos e correções. As equipes estavam divididas por etnias ou por organizações. A AMISM, por exemplo, constituía um time à parte, assim como Y'apirehy't e Waikiru. Primeiro disputaram os times masculinos e depois os femininos. Quando o time da AMISM jogou, uma de suas integrantes elaborou uma solução inusitada: resolveu ficar no fim da fila e amarrou o cabo ao redor de sua cintura, puxando tanto que, mesmo depois de ter vencido o time adversário, ela continuou fazendo graça, correndo pelo gramado com a corda na cintura. Todos riram e se divertiram, reforçando o clima descontraído dos jogos, que eram, antes de tudo, um momento de encontro.



- 5 Depois do cabo de guerra, as premiações. As mulheres de Y'apirehy't, representadas por Sara, ganharam o primeiro lugar no jogo, dentre os times com quem disputaram, assim como a AMISM, representada por Regina, sua coordenadora. Aparentemente havia dois grupos diferentes de disputas. Os homens de Y'apirehy't, representados por Moisés, ficaram em segundo lugar, e Waikiru, que estava em outro grupo de jogos, ganhou o primeiro.
- 6 Após o cabo de guerra, nos dirigimos para outra parte da Vila Olímpica, onde seriam as provas de arco e flecha. Os participantes se dividiram: aqueles que faziam também a prova de nado seguiram para a piscina antes de participar do arco e flecha, enquanto os que somente faziam essa prova já foram adiantando suas pontuações. Um membro da equipe de organização explicava para cada um que chegava como seria feita a pontuação. Os Sateré Moisés, seu pai, Nilson e André participaram do arco e flecha, sendo que André participou também da prova de nado. Conversando com as mulheres de Y'apirehy't e Waikiru, Valda, esposa de André, disse que nem se preocupava em assistir quando André e seu pai jogavam, pois estava certa de que de que eles teriam um bom resultado – e de fato fizeram muitos pontos nessa prova. A atenção se dispersou então do jogo para as crianças, que subiam nas árvores e brincavam com as plantas, nos mostrando animadamente uma planta cujas folhas se fechavam quando eram tocadas.



- 7 Ao fim dos jogos, veio a hora do almoço. Nós também ganhamos o ticket para almoçar, já que, conforme disse a moça da organização, “graças a deus não falta comida!”. No almoço foram servidos carne, macarrão, arroz com legumes, feijão, e cada um tinha direito também a um saquinho de farinha e refrigerante. Ao final do almoço, ainda muitos pratos com comida – já os saquinhos de farinha logo se esvaziaram.
- 8 As mulheres Sateré de Waikiru e Y'apirehy't ainda teriam outras atividades durante o dia, já que, em comemoração ao Dia do Índio, foram convidadas para fazer uma apresentação e expor artesanato em uma escola. Aproveitaram uma de nossas conversas para me convidar a acompanhá-las. Aceitei! Pelo que disseram, no dia seguinte também haveria uma programação intensa de exposições em escolas, mas que estavam em dúvida se iriam lá ou se participariam de mais jogos indígenas, pois estava marcado um jogo de futebol em um estádio ali perto. O futebol ocupa semanalmente suas noites de quinta-feira, e todas pareciam muito inclinadas a mostrar suas habilidades nos jogos no dia seguinte.



- 9 Logo chegou um ônibus que viria buscar os Sateré para retornar ao bairro Redenção, onde moram. O dia realmente reservava muitos acontecimentos. Pouco tempo depois que chegamos, enquanto conversávamos no espaço comunitário da comunidade de Y'apirehy't, surge uma repórter interessada em gravar uma entrevista com Moisés sobre o Dia do Índio. Moisés, já acostumado em participar desse tipo de gravação, respondeu às perguntas com desenvoltura. Logo depois a repórter tentou convencer um de nós a lhe conceder uma entrevista também, o que ninguém aceitou. Nesse momento, aproveitei para ir a Waikiru, a comunidade ao lado, onde comemos tapioca na casa de Valda. Enquanto conversávamos, Jareth e Valda riam e faziam brincadeiras sobre as “visagens” que assombravam a região, um tema sobre o qual conversamos também no dia anterior. Voltando para o barracão comunitário em Y'apirehy't, tiramos algumas fotos coletivas que elas pediram como recordação. Suzie e Jareth pediram também fotos individuais. Cada uma escolheu como seria sua foto: Suzie se posicionou em um canto no barracão comunitário e segurou uma saia com decoração indígena na frente da jeans que vestia, enquanto Jareth quis sair do barracão para tirar a foto com árvores ao fundo.



- 10 Ainda antes de irmos para as escolas, apareceu na comunidade uma van trazendo a doação de pães doces e suco, que foram imediatamente servidos. As crianças, sob direção de Moisés, mostraram a apresentação que haviam preparado para mais tarde, cantando e dançando. Pouco tempo depois chegou o ônibus que as levaria, junto com suas mães, para a escola Martha Falcão. Parte de nosso grupo voltou para o albergue onde estávamos hospedados, e eu segui com Tainá, aluna da UFAM, acompanhando as mulheres e crianças Sateré rumo à escola. O motorista do ônibus pediu que mantivessem as crianças quietas, pois estavam já fazendo muito barulho. As crianças obedeceram, mas ainda assim foram o caminho inteiro cantando músicas religiosas. No caminho, Suzie me presenteou com um dos anéis de coco que ela trazia para vender na exposição.
- 11 A escola, destinada a alunos de classe média-alta, montou uma estrutura num espaço aberto, com um conjunto de barraquinhas com artesanatos indígenas e comidas variadas. Encontrei Jusce e Regina, da AMISM, que também participou dos jogos na parte da manhã. Elas vendiam artesanato e açaí, e comentaram que ali era um bom lugar para se vender porque as pessoas costumam comprar, diferentemente de outras escolas que também as convidam, e compararam inclusive com outra escola na qual haviam acabado de expor. Comprei um açaí e dei um a Sara, que também queria. Depois, voltamos ao local onde Suzie e Valda estavam arrumando o artesanato, e lá estavam Mói – que nas Olimpíadas jogou no time da AMISM – e a mãe de Sara, indígena Mura, que também estava acompanhando o grupo. Após a organização das barraquinhas, foi servido um lanche em uma das salas da escola. Valda me passou os preços de algumas peças, caso aparecesse algum comprador enquanto lanchavam. Ao retornarem, me pediram para fotografar a apresentação das crianças, que já iria começar. Feitos os últimos preparativos nas pinturas e roupas de cada criança, eu e Tainá entramos no auditório para assistir. Foi uma apresentação breve, que se iniciou com uma fala da diretora da escola, seguida do hino nacional acompanhado por um

vídeo que o traduzia em libras, e então, finalmente, a apresentação, que incluiu músicas indígenas e uma música religiosa.



- 12 Quando fui embora da escola, por volta das 21 horas, a exposição ainda não tinha terminado. A programação do dia foi intensa e envolveu muitos encontros e trocas. Alguns elementos que compõem o cenário da presença dos Sateré na cidade se entrecruzaram, como o artesanato, a mídia, o contato com representantes governamentais, escolas e organizações que realizam doações, além dos jogos esportivos. Além disso, também pessoas de diferentes grupos se encontraram ao longo do dia em espaços distintos, como foi o caso da AMISM e das mulheres Sateré de Y'apirehy't e Waikiru nos jogos olímpicos e na escola Martha Falcão. Pode-se dizer que essa teia de relações e conexões foi acionada a partir de um determinado circuito ao longo do qual se desenrolariam as atividades relacionadas ao Dia do Índio e que teriam continuidade no dia seguinte. Há, afinal, uma programação anual destinada a este dia, estruturada principalmente por agentes oficiais e escolas, que não deixa, porém, de passar pelas escolhas de cada grupo sobre onde ir e como participar.

